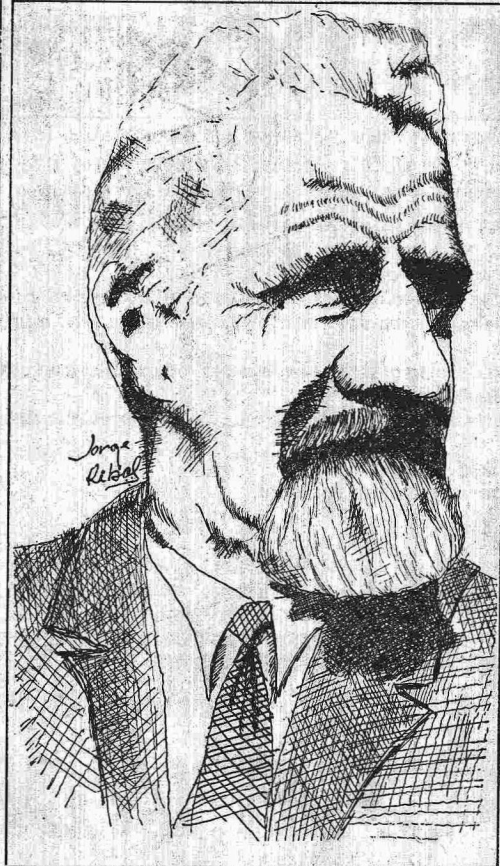




Konrad Lorenz



René Dubos



Jean Bernard

# Agressividade será controlada

**M. S.** — O senhor, que tanto estudou a agressividade animal, pensa que seremos capazes de exercer, antes do ano 2000, um controle eficiente sobre a agressividade humana?

**Konrad Lorenz** — Sim. Acho que temos todos os dados para compreender a agressividade e deveríamos ser capazes de ter um controle sobre seus efeitos negativos. Mas, em si mesma, ela é necessária. Sem agressividade, não somos nada, somos impessoais. Quanto a seus efeitos negativos, se as pessoas lêem e compreendem o que escrevo sobre o entusiasmo militante, nunca deveriam ocorrer.

**M. S.** — Podemos pensar em substâncias capazes de exercer um controle sobre os indivíduos e as multidões?

**K. L.** — Acho que não. Mas acredito na educação do público. Estes agentes químicos contra a agressividade me parecem um absurdo, pois eliminariam todas as pulsações, positivas e negativas, de uma só vez.

Um jornalista alemão, Paul Klemen, escreveu um livro interessante sobre a agressividade dos motoristas. Isso concorda muito com minhas observações recentes sobre os peixes: por um lado, conhecer seu presumível antagonista — mesmo que só fisicamente — freia o processo da agressividade; por outro lado, o fato de ficar anônimo facilita a agressividade. Se você conhece seu adversário, se vocês foram apresentados, será muito mais difícil para você atacá-lo.

Num carro, o perigo reside no fato de que você não conhece o motorista do outro veículo; ele não seria nem mesmo um ser humano; ele é, para você, um Renault ou um Volks. Isso explica o comportamento extremamente brutal dos automobilistas. Na minha opinião, isso é o resultado do desequilíbrio que se manifesta quando o homem é colocado num pequeno espaço: ele não é mais um ser humano, mas, sim, um motor, uma força inerte e bruta.

Nossos estudos sobre os peixes mostram que a porcentagem de agressividade é diretamente proporcional à densidade da população. Nota-se porém, que, se aumentarmos a população além de certo limite, a agressividade, paradoxalmente, diminui. Se temos um número razoável de peixes, a agressivi-

dade permanece mínima, atinge seu máximo em certo nível de população e diminui quando a densidade é ainda maior. Assim, não podemos deduzir que uma maior população será obrigatoriamente prejudicial à humanidade porque aumentaria o nível de agressividade.

Uma densidade maior, porém, causará sérios problemas à humanidade. A explosão demográfica — que implica uma explosão tecnocrata — significa que cada homem se beneficiaria de um campo de conhecimentos cada vez mais restrito, onde ele deveria ser um especialista absoluto, a fim de enfrentar a concorrência dos outros. Dependemos cada vez mais do especialista e nos estamos transformando em especialistas.

A pequena faixa de conhecimentos técnicos que um homem pode possuir toma conta de sua vida, de sua capacidade de aprendizagem, a tal ponto que ele não tem mais tempo de aprender nada que saia do seu domínio. Isto é, na minha opinião, um dos maiores perigos da urbanização e da explosão demográfica. Em comparação com isso, a agressividade é um problema menor. Burocratização, ultra-especialização, e, no final das contas, "robotização", desumanização. É isto que mais temo, mais do que a agressividade.

**M. S.** — O que o senhor pensa do gênio pré-fabricado?

**K. L.** — Acho que é tão perigoso mexer no código genético como na potência nuclear. Qual é nossa concepção de homem ideal? Não somos behavioristas. Os filósofos behavioristas e os cientistas da genética são megalomaniacos.

Remodelar o homem é um desafio a Deus, e querer ser Deus sem ter conhecimentos dele é pecado. Um estudo mais superficial da genética não é negativo. Podemos ir devagar, em pequenas etapas: eliminando, por exemplo, as doenças hereditárias. Mas é preciso evitar as derrapagens e, principalmente, encerrar as tentativas ditas sociais de engenharia genética. Isto é um conceito abominável. Várias reações humanas são apenas a expressão dos direitos elementares do homem, dos modos de comportamentos humanos fixados geneticamente, tais como o desejo de ter uma casa, uma mulher, um jardim.

Se permitimos uma manipulação diabólica, se permitimos aos engenheiros sociais "criar" homens geneticamente programados, que não se revoltarão, a liberdade humana deixará de existir.

O mundo atual manifesta uma atitude psicológica que eu chamaria de cientismo, que consiste em negar toda existência real a fatos ou fenômenos que não podem ser definidos no âmbito das ciências naturais exatas e a recusar tudo aquilo que não pode ser verificado e quantificado. Essa mentalidade é o

mesmo que tratar os valores como ilusórios, sejam eles éticos ou estéticos. Indivíduos que não têm nenhuma idéia do fato científico e de sua relatividade idolatram a ciência com um fanatismo primário. Um credo, segundo o qual tudo é apenas ilusão, fixou-se no espírito das pessoas. Para Skinner, o campeão do behaviorismo, a liberdade e a dignidade humanas são apenas ilusão.

**M. S.** — O senhor acha que a família monogâmica está inscrita em nosso código genético ou é antes um produto da tradição cultural judaico-cristã? Não existe casal ou família entre os animais...

**K. L.** — É um erro pensar assim. Conhecemos certos peixes que, em determinadas condições, formam casais inseparáveis e, em outras, constituem verdadeiros haréns. Acho que essa noção de casal, de par, existe instintivamente no homem, e leva, pelo menos temporariamente, a casais monogâmicos. Na minha opinião, essa dissociação entre o amor, por um lado, e a necessidade de copular, por outro, não "deveria" existir. O amor e o desejo sexual deveriam coexistir harmoniosamente. A concomitância do afeto e da necessidade sexual é, certamente, muito mais forte nas fêmeas do que nos machos.

Você encontra mais homens do que mulheres dispostos a copular sem amor. Isso é exatamente o que se observa nos gansos, e é também o que se passa com outras aves monogâmicas, em que a dissociação é mais fácil para os machos. Se você observar a programação genética de uma criança, encontrará, sem margem a dúvidas, um lugar para o pai e a mãe. A criança deve ter um pai e uma mãe.

Existe, em Viena, uma comunidade que conheço, composta de homens e mulheres. Nessa comunidade, é proibido ter relações sexuais sucessivas com uma única e mesma pessoa. As regras especificam que os membros da comunidade devem ter relações sexuais múltiplas entre si. Na verdade, essa comunidade é prejudicada por seu próprio regulamento, pois, apesar de sua "religião", apesar de suas intenções, acontece, às vezes, que um homem e uma mulher ficam apaixonados um pelo outro e abandonam a comunidade para fundar uma família de tipo monogâmica. Estamos diante de uma volta a um romantismo fora de moda.

## Quem são os entrevistados

**JEAN BERNARD** — Membro da Academia de Ciências, da Academia de Medicina e da Academia Francesa. Diretor da Escola Hematológica Francesa, dedica-se especialmente ao estudo das leucemias. Esteve no Brasil oito vezes (a última em dezembro do ano passado), para dar cursos sobre sua especialidade. Nasceu em Paris, em 1907. Lutou na Resistência.

**KONRAD LORENZ** — Criou, juntamente com o austríaco Karl von Frisch e o holandês Nikolaas Tinbergen, uma nova ciência — a etologia —, que faz o estudo comparado do comportamento dos animais. Por

seu trabalho, os três cientistas ganharam o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia de 1973. Lorenz nasceu em Viena, em 1903. É formado em medicina e zoologia.

**RENÉ DUBOS** — Um dos pioneiros da descoberta dos antibióticos. Nascido na França, em 1901, formou-se em agronomia. Emigrou para os Estados Unidos em 1922 e vive em Nova York. Professor da Rockefeller University, dedica-se atualmente ao estudo físico-químico, biológico e social da espécie humana. Ecologista, mas discorda dos "profetas do Apocalipse".